



Crônica

Crônica da prática psicológica em instituições: abrindo frestas para o cuidado

DOI: 10.12957/ek.2024.94091

Laiz Chohfi¹

Universidade de São Paulo

laiz.chohfi@gmail.com

“O tédio é o pássaro que choca os ovos da experiência.” – Walter Benjamin

INTRODUÇÃO

Escrever sobre cuidado em saúde hoje, em meio à velocidade com que tudo se move — ou parece ter que se mover — é quase um ato de resistência. Penso que nossa tarefa, como profissionais e como pessoas, é cultivar a coragem de desacelerar para olhar mais de perto, para escutar.

Venho, neste texto, compartilhar reflexões que brotam do meu trabalho como docente e psicóloga em uma universidade pública brasileira, espaço onde se cruzam demandas por excelência, competitividade e produtividade com histórias muito humanas de cansaço, solidão e sofrimento.

Ao narrar fragmentos dessa experiência, convido a refletir sobre o cuidado como uma prática política e ética que precisa ir além de protocolos e técnicas: algo capaz de abrir brechas de respiro e encontro em instituições atravessadas pela lógica produtivista e, para tanto, precisa valorizar saberes e fazeres que partem de outras epistemologias.

O CANSAÇO COMO TONALIDADE DE NOSSO TEMPO

Quando comecei a escrever sobre esse tema anos atrás, tomei emprestado de Byung-chul Han a ideia de um “cansaço solitário”, apresentada em Sociedade do Cansaço

¹ Professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Doutora em dupla-titulação em Psicologia pela USP e em Filosofia pela Universidade de Évora (Portugal).

— aquele estado em que todos estão exaustos, mas sem conseguir escutar ou ser escutados. Em ambientes acadêmicos, vejo isso se reproduzindo como uma espécie de surdez institucional ao sofrimento de estudantes, funcionários docentes e não docentes.

Na raiz desse fenômeno, penso com Hannah Arendt sobre a primazia do trabalho como atividade humana que passou a dominar tudo. Em *As Origens do Totalitarismo*, ela descreve como o isolamento — quando o homem perde o vínculo com os outros e com a criatividade — se converte em desamparo. Em nossos corredores universitários, vejo esse desamparo surgindo quando o trabalho se torna um fim em si mesmo, subvertendo a própria condição humana.

Walter Benjamin, e Larrosa Bondía a partir deste, nos alertou sobre a dificuldade de viver experiências genuínas em uma época saturada de informação e velocidade. Se nada “nos passa” mais — se não há tempo para que algo nos afete de verdade — resta um vazio apressado. A narrativa, para Benjamin, é uma forma de resistir: é no contar e no escutar que se transmite algo vivo, que se compartilha saber, que se constrói tradição.

E é por isso que escrevo aqui em forma de crônica — porque acredito que contar o vivido é uma forma de criar frestas para pensar, para sentir, para cuidar.

CRONICA DE UMA INTERVENÇÃO: A CARTOGRAFIA COMO CUIDADO

Pouco depois de assumir como professora na Universidade de São Paulo, fui procurada por um diretor de faculdade que queria pensar iniciativas de cuidado para estudantes. Falava de casos graves de adoecimento psíquico, de docentes em dificuldade para lidar com um corpo discente mais diverso — agora com alunos pretos, pardos, indígenas e pobres, que também ocupavam aquelas carteiras.

Começamos, em 2023, um projeto de extensão que segue até hoje. Com um grupo de estudantes de Psicologia, passamos a visitar a faculdade semanalmente para realizar cartografia clínica — método inspirado na fenomenologia hermenêutica, conforme concebido por Aun e Morato. Não se trata de aplicar uma técnica para resolver problemas, mas de escutar o território a partir de quem o habita.

Em conversas, devolutivas, rodas, fomos descobrindo algo importante: a faculdade cultivava um modelo de competição extrema. A lógica era: para ter o melhor orientador no trabalho de conclusão, mantenha a média mais alta. Isso organizava grupos de “excelência” que, não por acaso, eram compostos majoritariamente por quem viera

dos “melhores” colégios, enquanto estudantes de origens mais diversas iam ficando de lado.

Em um episódio marcante, fomos chamados para conduzir uma roda de conversa sobre o luto de um estudante que havia falecido. Ao perguntar à turma como estavam com essa morte, ninguém soube falar de tristeza ou saudade — o maior sofrimento expresso era não terem conhecido o colega. Eram estudantes que começaram o curso na pandemia, depois se viram engolidos por tarefas, estágios, notas, sem tempo para se conhecerem. Novamente, a surdez — não por falta de vontade, mas por falta de tempo.

Essas conversas, porém, começaram a transformar o espaço. Em reuniões com a direção, passamos a tensionar práticas, sugerir mudanças. Certa vez, o diretor comentou que o trabalho da Psicologia é “tornar invisível” o sofrimento — porque, quando funciona, o mal-estar deixa de chegar por queixas formais. Agradeceu-nos por reduzir o que era visível, mesmo sem nada “produzido” no sentido material.

Para mim, essa fala ilumina algo central: o cuidado não é mensurável por índices fáceis. Ele se dá no tecido das relações, na escuta, na pausa, na criação de tempo outro.

A TECNICIZAÇÃO DA VIDA E O DESAMPARO

Em toda essa experiência, vejo o que Heidegger, Gadamer e Arendt apontaram em tempos distintos: a técnica como modo de organizar o mundo que não apenas resolve problemas, mas acaba moldando nossa forma de habitar.

Em nossos currículos, nos editais, nas metas institucionais, tudo parece alinhar-se para otimizar produção, eficiência, resultados. Isso gera profissionais cansados, isolados, muitas vezes adoecidos — e que, sem tempo ou escuta, tornam-se surdos uns aos outros.

Arendt nos alertou que o isolamento extremo destrói o que há de mais elementar na criatividade humana: nossa capacidade de acrescentar algo de nós ao mundo. Em nome da produtividade, renunciamos ao espaço da ação, da palavra compartilhada, do encontro.

ABRIR BRECHAS: UMA APOSTA POLÍTICA

Nesse cenário, qual é o papel de quem trabalha com saúde mental, com educação, com cuidado? Para mim, é o de abrir brechas. De criar espaços de respiração dentro da engrenagem.

No projeto de extensão, nossa intervenção mais simbólica foi absurdamente simples: estender cangas — como esteiras de praia — no chão de um dos prédios. Sentar, conversar, ler, cochilar. O gesto, quase ridículo, se transformou num convite para que outros estudantes parassem também. Em um ambiente saturado de produtividade, fazer nada virou ato político.

Essa prática se ancora numa tradição do aconselhamento psicológico que herdei de minhas professoras na USP: não se trata de “dar conselhos” prontos, mas de criar conselhos no sentido original da palavra — espaços coletivos de deliberação cuidadosa sobre o que fazer.

ESCUTAR OUTRAS VOZES: KRENAK E A IMAGINAÇÃO DE FUTUROS

Tenho aprendido que não basta repetir as críticas clássicas à técnica. É preciso ouvir outras vozes — sobretudo aquelas que o projeto colonial tentou calar.

Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, *A vida não é útil* e *Futuro Ancestral*, Ailton Krenak nos oferece uma provocação radical: e se repensássemos o tempo como encruzilhada, como lugar de escolha e abertura? E se recuperássemos o cuidado como prática política, comunitária, profundamente interdependente?

Krenak nos lembra que os povos indígenas já sobreviveram a muitos “fins do mundo” — e que sua resistência está em manter vivo o vínculo com a Terra como organismo vivo, com o sonho, com a imaginação. Ele propõe o direito ao não fazer, ao sonho, à pausa — em oposição frontal à lógica que mede tudo por utilidade.

Quando leio Krenak ao lado de Arendt, Benjamin, Han e Heidegger, vejo conversas possíveis. Benjamin fala do tédio como pássaro que choca os ovos da experiência. Heidegger nos lembra do tempo como algo não linear, como um “estar-no-mundo-com”. Krenak aprofunda tudo isso desde o sul global, denunciando que a crise contemporânea não é apenas técnica, mas colonial — e que suas saídas exigem pluralidade, respeito, imaginação.

CONCLUSÃO: CONVITE AO CUIDADO COMO RESISTÊNCIA

Escrever essas crônicas é um gesto de esperança e de denúncia. Espero que sirvam como convite: que possamos cultivar coragem para criar respiros em nossos cotidianos institucionais.

Penso que o cuidado em saúde — em qualquer lugar — não é um protocolo a ser aplicado, mas uma aposta no humano. Ele supõe escuta, pausa, reconhecimento de limites e, sobretudo, imaginação de outros mundos possíveis.

É por isso que acredito na importância de um dossiê como este: para abrir espaço a reflexões transdisciplinares e críticas que não ignorem os marcadores sociais de diferença — raça, classe, gênero, território — que atravessam as formas de cuidar e de sofrer. Afinal, não encontraremos saídas apenas repetindo as mesmas leituras e referências. Precisamos escutar outras vozes, reconhecer outras histórias e tradições, aprender a habitar juntos de modos mais plurais e justos. Que possamos seguir insistindo em criar frestas, mesmo onde elas pareçam menos possíveis. Afinal, se a vida não é útil — como diz Krenak — que ao menos seja habitável.
